Rearborização do Ceará

E' este um dos problemas economicos mais descurados, tanto quanto é dos que muito reclamam a attenção dos poderes publicos e a solicitude dos particulares.

Dia a dia, desde a epoca da conquista do Ceará pelos colonos o machado, a foice e o fogo desses desbravadores, que, apezar de civilisados, se revelaram, com o seu systema de explorar o sólo, mais barbaros do que os selvagens que eliminaram, com a collaboração de africanos escravisados *ut ad christianam fidem reducerentur*, conforme a lata interpretação da celebre bulla de 4 de Maio de 1495, do papa Alexandre VI; desde a referida epoca, os sobreditos instrumentos de destruição teem transformado em campos abertos os logares que, sob o dominio dos aborigenes, ostentavam opulenta vegetação.

Serras uberrimas, que pela amenidade do seu clima eram comparadas ao meio dia europeu na primavera, pouco differem, hoje, dos sertões abrasadores que se lhes extendem ao sopé; sendo tal a causa principal, si não unica, desta transformação evidente aos que as conheceram cobertas de florestas, que por evaporação condensavam humidade na atmosphera que, por sua vez, restituia em chuva as moleculas com que as arvores a saturavam, e actualmente, as vêem denudadas daquella exuberancia; aos que podem, portanto, evocar o consorcio, que observavam outr'ora entre a terra e o céo, e comparal-o ao divorcio dagora entre os dois elementos.

Realmente, as serras do Ceará são, hoje, refresca-

das quasi somente pelas correntes de ventos impetuosos, que, no mais das vezes, prejudicam a florescencia e a fructificação incipiente e dissipam ou dispersam os nimbos portadores das chuvas vivificadoras, cuja precipitação depende, para bem dizer, da acção eolia.

Simultanea com a devastação das mattas tem sido a desapparição de classes inteiras da outr'ora abundante fauna cearense, por extincção de umas e transmigração de outras, dando-se mais a progressiva escassez das restantes; desfalques para os quaes tem concorrido (valha a verdade) a caçada, não regulamentada, por meio das civilisadas armas de fogo.

Contrastando com a magestade do Atlantico, se lhe defronta a aridez dos terrenos do litoral cearense, onde raramente, agora, se nos depara algum dos soberbos typos vegetaes de que dão noticia as descripções de visitantes vindos ás nossas plagas em varias epocas, algumas relativamente recentes. Parece-nos que a esta tranformação de nossa orla maritima, da matta que era, no areial desolado que hoje é, se deve attribuir a causa principal da livre movimentação das areias, que progressivamente teem obstruido as fozes dos nossos rios oceanicos, umas já barradas completamente, assim represando lagos costeiros, outras atravancadas por bancos, nenhuma formando enseada de accesso isento de perigos.

Damos a palavra ao provecto historiographo coronel João Brigido, que assim se expressa nos seus— *Estudos sobre as costas do Ceará*: «Muitos portos conhecemos já obstruidos no Ceará, depois de 1614.

«Iguape, que Diogo de Campos chamou—grande bahia, e que recommendára á côrte de Lisboa o local de Aquiraz para uma primeira villa no Ceará, já agora não passa de pessima barreta para barcaças.

« O rio Curú, que elle disse ter subido cinco leguas em escaler, não é mais navegavel nem uma milha siquer. Itarema, ou barra do Ceará, que das cartas hollandezas de 1637 se vê dar entrada a navios de trez mastros, está inteiramente trancada. Acarahú, por onde

se fazia o commercio de todo o norte do Estado, ha vinte annos, deixou de ser um porto.

«A cidade actual do Aracaty, o velho Porto dos Barcos, já viu recuar seu ancoradouro para Fortinho, a quasi duas leguas.

«Finalmente, a famosa Jericoaquara, onde Jeronymo de Albuquerque estacionára com sua esquadra e exercito, não vale agora um caracol.

«E o que é mais notavel e para lastimar : as areias teem atulhado os nossos portos, sem que, na sua marcha, tenham creado novos. No litoral mesmo da Fortaleza dá idéa da temerosa devastação a marcha dos morros do Mucuripe».

Em commentario a este ultimo excerpto, lembramos que a plantação de arbustos, que estão mui longe de ter a corpulencia das nossas antigos arvores litoraneas, esbarrou a marcha de areias tangidas do Mucuripe pelos aliseos e que formaram o morro ao nordeste da Alfandega, o qual, já tendo soterrado outros editicios construidos em 1887 pela «Ceará Harbour», ameaçava aquelle predio de sorte identica.

Vastas zonas do sertão cearense, quasi todas convertidas presentemente em taboleiros e varzeas, eram outr'ora cobertas de mattas, abundantes de caça, e em cujas clareiras espraiavam-se piscosas lagoas, resistentes ás seccas prolongadas.

E' indizivel a devastação feita nessas mattas, em que vegetavam excellentes madeiras de construcção e de marcenaria, dellas restando poucos exemplares, que já se não propagam e, por isto, são apenas troncos ancestraes de especie prestes a se exiinguir, principalmente nos trechos em trafego das duas estradas de ferro de Baturité e de Sobral, cujas construcções motivaram a derrubada de milhares de aroeiras, pau d'arco, baraunas, acende-candeia, etc., cortadas sem a minima attenção á sua maturidade, para dormentes, incuria da qual resultava frequentemente ser menor a quantidade de dormentes prestadios do que a dos que não o eram.

Mais do que os exploradores do sôlo cearense,

são responsaveis pela destruição das mattas, que o cobriam, os poderes publicos.

Si o governo geral, por seus ministros da Marinha e da Fazenda, houvesse sempre bem fiscalisado o litoral, e as emphytheuses dos terrenos de marinha contivessem clausulas que impuzessem aos emphytheutas o dever de bem zelar os seus prazos, certamente as mattas do nosso litoral houveram escapado á devastação que, para bem dizer, já as extinguiu.

Apezar de o Brasil nunca haver tido um Codigo Dendrologico, o que, alias, é reclamado pela necessidade de obstar a continuação da destruição de suas florestas, todavia o governo geral, administrador da Fazenda Nacional, a quem pertence o senhorio da nossa fronteira maritima, tem o dever de a esta zelar, vedando actos que desvalorizem os terrenos que a constituem, e conservando as articulações aptas a ser estações de navegação.

Uma vez que alludimos á necessidade de um Codigo Dendrologico, vem a proposito fazer ver que a decretação de um no Brasil não é idéa nova; já em 1850, quando no parlamento se discutiu o projecto que, afinal, foi convertido na Lei n. 601, de 18 de Setembro do sobredito anno, estava ella em fóco; e só não foi por diante porque então nos faltava um Codigo Civil, que, conforme é sabido, é o modelar de toda legislação especial; falta que motivou as innumeraveis falhas da citada lei, que teve de obedecer aos preceitos da velha legislação civil portugueza, cujas disposições a respeito da propriedade territorial, no pouco extenso continente do reino portuguez, não podiam bem adaptar-se a identico instituto num mundo novo, quasi 90 vezes mais vasto do que a sua metropole.

E' certissimo, todavia, que não obstante ainda não termos em 1850 um Codigo Civil, nesse anno, de uma epoca em que as terras devolutas eram do dominio da nação e não das provincias, houvera podido ser decretado um Codigo Dendrologico menos imperfeito do que o poderá na actualidade, em que dito dominio pertence

aos Estados, que, por bem da egualdade na federação, se aquinhoaram com maxima desegualdade na partilha do melhor do patrimonio da Nação, que, si não houvera reservado, para sua futura séde, 14:400 kilometros quadrados do planalto central, tivera ficado uma União apenas ideal, tão pobre de terras quanto foi na partilha da Terra da Promissão a tribu sacerdotal de Levi.

Em todo caso venha um Codigo Dendrologico que, comquanto não se afaste dos preceitos do Direito Civil já codificado, ficará dependente, em sua execução, dos poderes locaes dos Estados opulentamente dotados, entre os quaes (é ocioso observar) não estão comprehendidos os do Nordeste, que receberam em herança apenas cascas d'alho e, ainda assim, em tal commixtão com as terras do dominio particular que lhes custará mais do que o valor das que são suas o que terá de dispender para discriminá-las.

Numa das sessões da Camara triennal, em 1918, um illustre deputado por Minas Geraes (Camillo Prates), um dos Estados bem aquinhoados, propugnou pela adopção de uma lei que proteja as mattas contra sua destruição, facto que assustadoramente tem se operado nesse rico Estado, onde se tem verificado que o—Rio das Velhas—elo de união entre a Estrada de Ferro Central e a rede fluvial do São Francisco, grande eixo da viação central do Brasil, tem perdido muito do seu caudal, graças á barbaridade que impunemente tem derrubado as florestas que cobriam as suas nascentes, já em muito expostas aos haustos solares, e as suas margens alargadas pela erosão, pelas cheias, de suas ribas, facto este ultimo de que ainda resulta o aterro dos canaes navegaveis.

O que o representante mineiro revelou a respeito do Rio das Velhas—é cousa tambem acontecida em rios do Ceará, que de perennes se tornaram periodicos e de estreitos e fundos se tornaram largos e rasos, por effeito da destruição das mattas que os protegiam nas nascentes, que—*Ranæ ad solem*—clamam em vão con-

tra a impiedade dos adustos raios do astro rei, e, nas margens, são carcomidas pelas enchentes.

Para exemplo, citamos os quatro rios—Aracoyaba, Putiú, Candéa e Pacoty, todos de nascentes na serra de Baturité e que, até 1888, foram perennes, os tres primeiros (que, reunidos com a denominação de Aracoyaba, afluem no Xoró) em todo seu curso, e o quarto (que é oceanico) até duas leguas ao nordeste da cidade do Acarape, e isto sem embargo das derivações para irrigação.

O rio Salgado, grande affluente do Jaguaribe, tambem foi perenne até 1816, em todo seu curso, segundo o testemunho de contemporaneos do facto, de quem tivemos de ouvil-o.

Não somente os rios que vimos de mencionar, e outros: muitas lagoas, de fontes vivas, que conservavam agua durante seccas prolongadas, perderam a perennidade, após a extincção de mattas que lhes eram circumvizinhas.

Para exemplo citamos as da Cannafistula, onde funccionou uma colonia orphanologica—Christina—situada em terras (cerca de 4 leguas quadradas) doadas em 1878, para o alludido estabelecimento, pelo capitalista portuguez, Commendador Luiz Ribeiro da Cunha, á provincia do Ceará, representada na respectiva escriptura pelo Presidente dr. José Julio de Albuquerque Barros e o dr. Virgilio Augusto de Moraes, Procurador Fiscal da Fazenda Provincial.

A' doação das terras o generoso doador accrescentou a de todos os seus gados lá existentes, e, mais, o da indemnização (6 contos) que, por desapropriação para a construcção da Estrada Ferro de Baturité, lhe era devida pela Fazenda Nacional, actos de benemerencia que o Governo Imperial galardoou, conferindo ao mesmo doador a venera de Dignitario da Ordem da Rosa.

Em cumprimento da condição da doação, o dr. José Julio estabeleceu a colonia, cuja administração confiou a um capuchinho, que, segundo nos affirmou o saudoso e honrado Miguel Ferreira de Mello, com os proprios

rendimentos da colonia fez as necessarias installações, e, depois de curta direcção, deixou a administração, entregando um saldo superior a 4 contos de réis.

Os dois immediatos successores do capuchinho não se notabilizaram na direcção da colonia; mas a todos excedeu na prestação de optimos serviços o emerito educador Manoel Theophilo da Costa Mendes, que a administrou de 1886 a 1889.

Foram 4 annos proveitosissimos á educação de mais de cem orphãos, que, durante esse periodo, estiveram confiados á direcção de Theophilo Mendes, nome por que era geralmeute conhecido o director do antigo e acreditado «Atheneu Cearense», tão grato ás lettras.

Com os seus esforços pessoaes, parcamente auxiliados pelos cofres provinciaes, então sob a guarda do honrado e ultra-economico dr. Eneas Torreão, Theophilo Mendes estabeleceu com os orphãos varias officinas, aradou e cultuou terrenos, melhorou e construiu edificios, açudou a lagoa de Cannafistula, aprazivel passeio em escaler, e organizou uma banda de musica de umas 20 figuras, sob a direcção do habil professor Raymundo Nonato, ex-seminarista, que tambem tinha a seu encargo a aula primaria da colonia, que, regida por este e fiscalizada por Theophilo Mendes, era modelar.

Dita banda de musica, de quando em vez, era contractada para tocar em festividades em Pacatuba e Acarape, e, em 1886, Martinho Rodrigues chamou-a a Baturité para a recepção do Conselheiro Araripe, ali visitante com Justiniano de Serpa e outros.

Em vasto viveiro Theophilo Mendes tinha presas mais de cem aves, das differentes especies que povoavam as mattas e as lagoas da colonia, as quaes o operoso e incansavel administrador vistoriava assiduamente, afim de vedar córtes de madeiras, caçadas e pescas prejudiciaes, em tudo procedendo com uma energia verdadeiramente militar.

Qual um dono de casa bem ordenada que tem gosto e prazer em apresentar a seus visitantes sua familia e seus objectos estimados, Theophilo Mendes mani-

festava aquelles sentimentos sempre que tinha occasião de a outrem apresentar os seus orphãos, a todos designando com os nomes proprios, a epoca de sua entrada, seus adiantamentos, assim como—quando em companhia, visitava, as mattas, em que se erguiam verdadeiros gigantes vegetaes, principalmente no—Sacco do Jacob—, tendo sido uma vez seu companheiro o auctor deste despretencioso trabalho, que bem se lembra de haver sahido do referido recanto com a roupa molhada pela agua, que, em pleno meio dia de Outubro, escorria das samambaias pendentes das arvores.

Recordamo-nos qual se acabassemos de ouvil-as, as seguintes palavras do dr. Assis Bezerra, ao se referir, em Baturité, que Theophilo Mendes deixara a administração da colonia: «Lastimo deveras; porque se acabou o mais bem dirigido estabelecimento de assistencia que o Ceará tem tido».

E foi propheta o dr. Assis Bezerra, pois que á administração de Theophilo seguiu-se o maior descalabro na direcção da colonia «Christina», o melhor proprio que o Ceará já possuiu, mas que actualmente se acha devastado em tudo: suas matas foram arrasadas, suas antigas installações demolidas; suas lagoas perennes estão convertidas em barreiros; as madeiras de seus cercados sumiram-se nas fornalhas das locomotivas da E. F. Baturité, que tambem serviram de crematorio das arvores preciosas, que valorizavam dois terços de suas terras.

Dizendo-se que tanta impiedade teve por auctores malandros safados, protegidos da politica, que alli os punha como se põem animaes de estima em mangedoira bem provida, fica-se dispensado de accrescentar que, pelo amniquilamento da colonia Christina, são responsaveis os dirigentes deste infeliz Estado, os quaes, um—o Presidente—revestido de omnipotencia, e outros, por subserviencia a este, approvavam aquelle desbarato, que só não ultimou pela venda do resto ou casco, autorizada por lei, porque os herdeiros do doador protestaram,

declarando que «se devia considerar desvirtuado o caridoso intuito da doação—o *estabelecimento da colonia orphanologica*—por não implemento desta clausula substancial, pelo que, conçluiam, accionariam a reversão do bem doado, salvo si este houvesse de ser dividido com egualdade pelos orphãos que lá se achavam recolhidos na epoca da extincção, conforme dispunha outra clausula».

Com a certeza de perder ninguem faz negocio; por isto foi retirada a intenção de compra e com ella o annuncio da venda.

Ainda se achando em boas condições a «Colonia Christina», mas já quasi sem orphãos, o honesto e quasi sempre mal orientado Presidente Bezerril cogitou transformal-a numa penitenciaria empregando-se os presos na exploração das muitas pedreiras que lá existem, pensamento que consignou na sua penultima mensagem de abertura da Assembléa Legislativa. Esta não julgou digno de um estudo qualquer aquella idea, que, tres annos antes, quando os 30 ainda não estavão *dispostos* a fazer negaças ao homem executivo, houvera logo sido traduzida como uma ordem de autorizar as despesas necessarias á sua realização.

Mas outro tanto não podia merecer um Presidente que, apenas seria tal por 365 dia mais e, portanto, não tinha mãos limpas para tocar superfluamente num ceitil siquer dos tres mil contos de réis que o já quasi—Ex—honradamente accumulára nos cofres estaduaes durante a plena vigencia do seu governo.

Sem dispender tempo na apreciação da conveniencia ou não da medida cogitada pelo Presidente Bezerril, cuja honestidade todos reconhecem, apenas diremos que aquella idéa significava o nobre intuito de substituir neste Estado a desgraçada pratica das prisões com aggregação, unica que aqui tem sido observada, pela correccional do delinquente mediante o trabalho.

Com a sua imparcialidade no caso cogitado, a Assembléa tacitamente deliberou que a «Colonia Chris-

tina» continuasse no que estava sendo—um moribundo estabelecimento de assistencia.

O que se seguiu já o dissemos—descalabro até o anniquilamento. O Presidente Benjamin Barroso pensou em restaurar, sob outros moldes, a «Colonia Christina», para o que expediu, autorizado por lei, um regulamento; fez lá construir alguns edificios e montou um excellente catavento, graças ao qual se abastecem dagua os habitantes da vizinha povoação da Cannafistula, que, em 1915, soffreram penuria do precioso liquido, que, em dito anno, recebiam da cidade de Baturité.

Todos esses melhoramentos foram effectuados sob a direcção do engenheiro Heitor Borges, official do Exercito, então á disposição do governo do Estado, que não tem proseguido na alludida restauração, salvo manter um zelador da Colonia Christina—unico morador da mesma.

Concluimos a digressão sobre a referida Colonia, fazendo sentir que o lastimavel anniquilamento, a que a reduziram certos directores da mesma, autorizam a affirmativa de que o poder estadual tem sido até hostil á conservação das mattas, e mais o houvera sido á rearborização do Ceará.

Identica affirmativa pode ser feita quanto ás camaras municipaes; porque, destas, as que teem terras patrimoniaes nunca acautellam a sua conservação por emphyteutas e arrendatarios.

Não obstante, porém, a criminosa desidia, já secular, dos poderes publicos, nacional e local, para os mesmos daqui appellamos para que promovam e incentivem a rearborização do Ceará.

Para convencimento de que esta terá influencia benefica na meteorologia do nosso Estado, basta que ouçamos o testemunho dos nossos velhos, que conheceram o Ceará rico de mattas, e hoje o conhecem dellas indigente; e si não é sufficiente este *exemplo de casa*, encontraremos fóra o do Egypto, antes e depois de sua arborização, ordenada por Mumet-Ali, a quem a sua patria deve a introducção do plantio do algodão com as

primeiras sementes mandadas adquirir em Pernambuco, algodão que era considerado por aquelle grande estadista, vice-rei e pachá hereditario de seu paiz, o melhor do mundo.

Os proprietarios de terras não devem esperar que primeiramente venha a acção official: independentemente desta, directa ou indirecta, devem pôr mãos á obra, tanto porque assim as valorizarão, como porque de tal serviço resultará um beneficio geral que, afinal, synthetisará favor a cada um dos membros da communhão social.

Innumeraveis trechos de terra cearense, particularmente as serras, se prestam á cultura do cedro, madeira preciosa, que se acha prestes a extinguir-se neste Estado, que já se tornou freguez dos Estados do Pará e Paraná na compra de madeiras de construcção e marcenaria.

Pois, bem, comece-se a rearborização do Ceará pelo seu plantio. O cedro tem crescimento rapido: em 10 annos dá taboa de 0m, 35. Não exige amanho, plantado logo no começo do inverno, quando este finda, já está assegurado, e de então desenvolve-se com celeridade, melhor convindo-lhe o terreno secco do que o alagado.

Propaga-se intensamente, bastando um plantio para que, independentemente de renovar o cultivo, o plantador tenha, em quanto proceder sua exploração com prudencia, madeira para seu uso e para negocio. E' arvore sadia: cupim e outros insectos parasytarios não atacam-na.

Não serve para fogão, o que o põe a salvo do machado do lenhador, o maior inimigo das arvores.

O seu córte é ruidoso e trabalhoso o seu transporte do logar da derrubada, difficuldades que redundam em facilidade de vigilancia.

Só é utilisavel em plena maturidade, perdendo a peça quem derrubal-a prematuramente. Artigo de muita procura, o seu commercio não dá lugar a empate de capital.

Apontámos as nossas denudadas serras como os logares preferiveis para nellas começar-se a rearborização

do Ceará com a plantação do cedro; porque convem iniciar esse serviço juntamente com o da protecção ás nascentes dos rios, situadas, na sua quasi totalidade, nas mesmas serras. Mas o cultivo do cedro tambem prospera admiravelmente nos terrenos seccos do sertão, contanto que se o faça no começo do inverno, assim aproveitando-se para a sementeira toda uma estação pluviosa.

Para exemplo, aqui citamos uma plantação de cerca de 5000 pés de tão preciosa arvore, feita pelo intelligente, laborioso e honrado agricultor Coronel Alfredo Dutra de Sousa, em Fevereiro e Março de 1886, nos seus sitios «Riacho do Padre» e Açudinho», a 3 leguas da cidade de Baturité, onde o mesmo plantador reside.

Então, terras seccas, só utilisadas na creação e agricultura temporã da estação hibernal, os referidos sitios tornaram-se, dentro de poucos annos, propriedades de grande valor, e, actualmente, são campos industriaes que o Coronel Alfredo Dutra explora, tendo nelles montadas serrarias, auferindo grandes lucros do commercio de madeiras, especialmente o cedro; já tendo recusado, por muitas vezes, arrendal-os, no que procede com prudencia, visto como—o olho do dono engorda o animal. Aos srs. Major Arlindo Correia, José Gaspar, Fausto Salles e a outros agricultores do municipio de Soure temos aconselhado a plantação do cedro nas serras Japuára, Monguba, Camará e noutras em que teem propriedades, deixando clareiras para sua agricultura de inverno.

Para melhor convencel-os de que de tal trabalho lhes advirá consideravel lucro, alem da restituição de exuberancia e louçania ás mesmas serras, lhes temos citado o resultado obtido pelo Coronel Alfredo Dutra; e, em demonstração da aptidão do solo de Soure para o alludido cultivo, lhes temos apontado seis arvores existentes no quintal da loja do Capm. Francisco Salles, negociante em dita villa, nascidos ha uns oito annos, apparentando, porem, edade maior.

Não somos apologista da monocultura, e por esta razão somos de opinião que, na arborização do Ceará,

deve usar-se de variedade, attendendo-se sempre ás aptidões do solo em que se haja de laborar.

Aquilatando por alguns exemplares de pau brasil, que temos visto aqui plantados, notavelmente um de mui bello porte, existente na cidade de Aquiraz, plantado em 1883 pelo dr. Julio Cesar Gomes de Castro, presumimos que dar-se-ha bem neste Estado o cultivo da preciosa arvore, que deu seu nome á nossa patria.

Na nossa rearborização devem entrar em larga escala o coqueiro, a mangueira, o cajueiro, etc., que animem o nosso commercio de fructas, industria que aqui já teve voga, mas somente o de laranjas, hoje decahido principalmente por culpa dos productores, que, ao envez de melhorarem os seus laranjeiraes pela póda, enxertia e outros processos conhecidos e usados na arte pomareira, os maltratavam com bordoadas nos fructos, que se desprendiam dos galhos á força de pau, amassados como que para mais depressa apodrecerem, muitos ainda verdes, raros aproveitaveis, e todos, sem selecção, accommodados nos mesmos recipientes, destinados á sua emballagem.

Animado e cuidadoso no seu inicio, quando ainda se tratava de acreditar as laranjas do Ceará, especialmente as de Maranguape, na Inglaterra, isto conseguido, o commercio de exportação da saborosa fructa não tardou em declinar, porque pelas causas anteditas as laranjas chegavam podres ao ponto do destino.

Ultimamente, o digno patriota João Cordeiro, residente em Baturité, se acha empenhado no cultivo das arvores fructiferas naquelle municipio, e muito tem conseguido.

Permitta Deus que os esforços de João Cordeiro sejam coroados de pleno exito, que sirva de começo á rearborização dos ubertosos valles dos rios—Aracoyaba, Putiú e Candéa, que foram perennes até 1888, e da outr'ora fertilissima e bem irrigada serra de Baturité, hoje reduzida quasi a cascalho, secca e sem valor, em consequencia da devastação de suas mattas.

A rearborização do Ceará depende sobretudo da

iniciativa individual; mas isto não quer dizer que o poder estadual e o poder municipal devam continuar indifferentes ao urgente melhoramento.

Ao contrario, para a realização deste, será efficaz a intervenção dos mesmos poderes, a começar pelas camaras municipaes, dotadas de patrimonio, devendo entrar em accordo com os emphyteutas e arrendatarios de suas terras, afim de que estes plantem certas arvores em trechos determinados dos lotes aforados e arrendados, e todos auxiliarem o poder estadual nas medidas convenientes á inadiavel rearborização do Ceará.

Quem, conhecedor do nosso Estado, tiver lido a monographia—Australia—de Charles Delavaud, no capitulo em que esta trata da—Geographia Physica—do continente novissimo, ha de ter notado a consideravel semelhança entre esta nossa e aquella região: a falta de rios perennes, vastos campos de crear, com differentes especies de cactos, seccas prolongadas, ás quaes se seguem chuvas copiosas, clima geralmente são, ameno nas montanhas e quente nas planices, flora pouco variada.

Desta o mais importante representante é o eucalypto, notavel por suas propriedades medicinaes e por sua applicabilidade nas construcções e na marcenaria; é a madeira preferida para os dormentes ou sulipas das estradas de ferro da prospera Federação Australiana, tambem empregada no calçamento de importantes cidades, tal a de Sydney, pavimentada com a sobredita madeira em algumas ruas, o que, apezar de movimentadas, o transito dos vehiculos não torna ruidosas. Actualmente é moda nos Estados do Sul, maximé em São Paulo, a acclimação da utilissima arvore australiana, que, attentas as affinidades da natureza do seu paiz natal com a do Ceará, provavelmente surtirá o seu cultivo neste Estado bom effeito, melhor, porventura, do que o que se tem verificado em São Paulo, aliás muito animador.

O governo cearense bem pode incentivar a acclimação do eucalypto em nosso sólo, e isto com insignificante dispendio: bastará que faça vir sementes da

preciosa arvore e as distribua a pessôas reconhecidamente capazes de tomar a serio o seu cultivo, e que, ao mesmo tempo, trate de fornecer memorias ou instrucções que habilitem os cultivadores quanto ás qualidades dos terrenos aptos, aos adubos convenientes, á opportunidade do plantio, ás sementeiras, ao zelo das arvores, principalmente das tenras, etc.

De summa efficacia será o mesmo governo promover aquella naturalização, contractando em São Paulo alguem que, já conhecedor dos processos usados proveitosamente nesse trabalho, o encete em Cannafistula, nas terras da doação de Luiz Ribeiro, actualmente reduzidas a um triste —*Campus ubi Colonia Christina fuit.*

Não poderão ser mui grandes as despesas que o Ceará terá de fazer com a restauração do humanitario asylo em que, sob a direcção sisuda e honrada de Manoel Theophilo da Costa Mendes, tantos orphão indigentes receberam educação, conforme já expuzemos; restauração que deve vir sem mais demora, sob pena de nullificar-se a benemerencia do doador, e que já tem sua base nos edificios novos, construidos no local dos antigos, arrasados até nos alicerces por directores que se pagaram de seu vandalico serviço com a utilização, em proveito proprio, das portas e travejamentos de madeira de lei, das muitas que existiram naquellas terras devastadas. Idem as do plantio, nestas, do eucalypto, sob a direcção de um pratico e de outras madeiras de cultivação conhecida, principalmente o cedro, celere no seu desenvolvimento

Teremos pregado no deserto?
E' mais que possivel: é provavel.

Fortaleza, Abril de 1920.

Dr. Raymundo Francisco Ribeiro.